

ÁUDIO MÚSICA & TECNOLOGIA



NOVO ESTÚDIO CODIMUC

Gravadora de Taubaté abre as portas de sua
"nova casa", projetada por Renato Cipriano

LOGIC PRO X

Analisando prós e contras da
atual versão do programa

COMPRESSÃO SONORA

Utilização ao vivo e também na
otimização de mixagens em estúdio

PRÊMIO MULTISHOW

Toda a engenharia de som da maior
premiação musical da TV brasileira

**AES
LOS ANGELES**

Em busca de
conhecimento e
novidades

Linkin Park em BH: novo show, novo iluminador e conceito baseado em vídeo
Soluções práticas e criativas no espetáculo interativo de Hamilton de Holanda
Media Composer: técnicas e métodos para uma montagem a jato

Adeus, 2014!

E o ano se passou. Muita coisa aconteceu nem 2014, né? Confusão, Copa, confusão, eleições, confusão, mais eleições, confusão, e ao redor, sempre, som, som, som, som, som... Que é o que nos move, certo? É o que faz o corpo vibrar, a mente acender e a vida acontecer. Para alguns, a relação está diretamente ligada ao trabalho, ao ganha pão. Para outros, o som é o prazer "apenas". E quem sabe não vira trabalho um dia, principalmente se você é uma pessoa que tem, no seu colo ou na mesa, a *AM&T* tradicional ou em versão digital? Você provavelmente quer saber mais, sentir mais, mergulhar de cabeça nesse universo. Assim sendo, sábia escolha! Sábias, aliás: pelo som na sua vida e pela *AM&T*, sua fonte de conhecimento sobre áudio, música e tecnologia há mais de duas décadas e meia.

Nessa revista que fecha o ano você tem, logo na capa, um teaser bem legal do que temos nesse mês (é pra isso que server as chamadas de capa, certo? haha). Sim, a Codimuc nos apresentou seu novo estúdio, projetado por Renato Cipriano, da WSDG. Na matéria você poderá se inspirar para a sonhada hora de construir seu próprio estúdio ou pelo menos suspirar e curtir todo o processo que culmina com um espaço de qualidade funcionando a pleno vapor, registrando música dia após dia.

Também falamos do som do Prêmio Multishow, que, com o fim da MTV Brasil em sua versão antiga, passou a ser, com sobras, a premiação musical mais importante da nossa televisão. A AES Los Angeles 2014 também chega até você, e através do olhar peculiar do grande Fernando Moura, que foi lá e relatou o que de mais interessante e esquisito percebeu ao seu redor. Compressores também têm destaque nessa *AM&T* 279, já que são eles o tema principal em duas seções: *Notícias do Front* ("Compressão ao vivo – Olhando mais de perto") e *Mixagem* ("Otimizando sua Mixagem [Parte 7]: Usando compressores"). Situações diferentes, abordagens diferentes, informação em altas doses pra você. E o *Desafiando a Lógica* chega apontando os prós e contras do Logic Pro X, ao passo que o *Produção Fonográfica* fala de algo talvez novo pra você, mas do qual nunca mais se esquecerá: o Mapa de Contorno Emocional, que serve como um verdadeiro mapa anatômico de uma música para o produtor.

No caderno *Luz & Cena* o destaque é o show do Linkin Park em BH. Taí uma banda que você pode até não gostar, mas é fácil ver o progresso artístico dos caras. E nisso está, talvez principalmente, a parte visual, que brilha nas apresentações ao vivo do grupo americano.

É isso. Curtam a revista, aproveitem o Natal e que 2015 surja promissor. Até o ano que vem!

Marcio Teixeira

ISSN 1414-2821

Áudio Música & Tecnologia

Ano XXVI – Nº 279/dezembro de 2014

Fundador: Sólon do Valle

Direção geral: Lucinda Diniz -
lucinda@musitec.com.br

Edição jornalística: Marcio Teixeira

Consultoria de PA: Carlos Pedrucci

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

André Paixão, Cristiano Moura, Enrico De Paoli, Fábio Henriques, Fabrizio Di Sarno, Farley Derze, Fernando Moura, Homero Sette, Lucas Ramos, Mauro Ludovico e Renato Muñoz.

REDAÇÃO

Marcio Teixeira - marcio@musitec.com.br
Rodrigo Sabatinelli - rodrigo@musitec.com.br
redacao@musitec.com.br
cartas@musitec.com.br

DIREÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO

Client By - clientby.com.br
Frederico Adão e Caio César

Assinaturas

Karla Silva
assinatura@musitec.com.br

Distribuição:

Eric Brito

Publicidade

Mônica Moraes
monica@musitec.com.br

Impressão: Ediouro Gráfica e Editora Ltda.

Áudio Música & Tecnologia

é uma publicação mensal da Editora

Música & Tecnologia Ltda,

CGC 86936028/0001-50

Insc. mun. 01644696

Insc. est. 84907529

Periodicidade Mensal

ASSINATURAS

Tel/Fax: (21) 2436-1825

(21) 3435-0521

Banco Bradesco

Ag. 1804-0 - c/c: 23011-1

Website: www.musitec.com.br

Distribuição exclusiva para todo o Brasil pela Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações, Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, nº 1678, CEP 06045-390 – São Paulo – SP"

Não é permitida a reprodução total ou parcial das matérias publicadas nesta revista.

AM&T não se responsabiliza pelas opiniões de seus colaboradores e nem pelo conteúdo dos anúncios veiculados.

ÁUDIO MÚSICA & TECNOLOGIA



42

Renovação no ar

Codimuc apresenta seu novo estúdio, projetado por Renato Cipriano, da WSDG
Rodrigo Sabatinelli

- 14** **Em Casa**
Conexões Analógicas (Parte 3): Como soldar seus próprios cabos
Lucas Ramos
- 22** **Plug-ins**
Explorando emulações Waves (Parte 2): Analógico, digital e "digital que emula analógico"
Cristiano Moura
- 26** **Notícias do Front**
Compressão ao vivo – Olhando mais de perto
Renato Muñoz
- 32** **Quem é Quem?**
O diretor de palco – Responsável por tudo e (quase) todos
Rodrigo Sabatinelli

- 34** **AES Los Angeles 2014**
A viagem de um músico ao país das maravilhas (ou "Por que não dá pra ver pelo YouTube?")
Fernando Moura
- 48** **Prêmio Multishow 2014**
Tudo sobre a engenharia da maior premiação musical da TV brasileira
Rodrigo Sabatinelli
- 52** **Criando o subwoofer H.Sette 2x18" SW6000nd (Parte 2)**
Novas etapas do desenvolvimento do produto
Homero Sette e Mauro Ludovico
- 56** **Mixagem**
Otimizando sua Mixagem (Parte 7): Usando compressores
Fábio Henriques
- 60** **Produção Fonográfica**
O Mapa de Contorno Emocional: Auxiliando o produtor na valorização da mensagem musical
Fabrizio Di Sarno
- 66** **Desafiando a Lógica**
Minhas observações sobre o Logic X – Ele chegou para ficar: mas como nem tudo é perfeito, destaco alguns prós e contras
André Paixão
- 96** **Lugar da Verdade**
Como a política atrapalha o áudio
Enrico De Paoli

seções

editorial 2
novos produtos 10

notícias de mercado 6
índice de anunciantes 95

LUZ & CENA



74

capa

Linkin Park em BH: Banda desembarca no Brasil com novo show, novo iluminador e visão artística bem própria
por Rodrigo Sabatinelli



78

show

Espectáculo interativo de música instrumental de Hamilton de Holanda tem soluções práticas e criativas
por Rodrigo Sabatinelli



84

media composer

Criando uma montagem rápida: Técnicas e métodos para um trabalho a jato
por Cristiano Moura



90

iluminando

História dos profissionais de iluminação cênica no Brasil: Sexto capítulo – Aurélio de Simoni (Parte 1)
por Farley Derze

PRODUTOS	70
EM FOCO	72

CADERNO

LUZ & CENA

LINKIN PARK EM BH

Novo show, novo iluminador e visão artística bem própria

MEDIA COMPOSER

Técnicas e métodos para uma montagem a jato

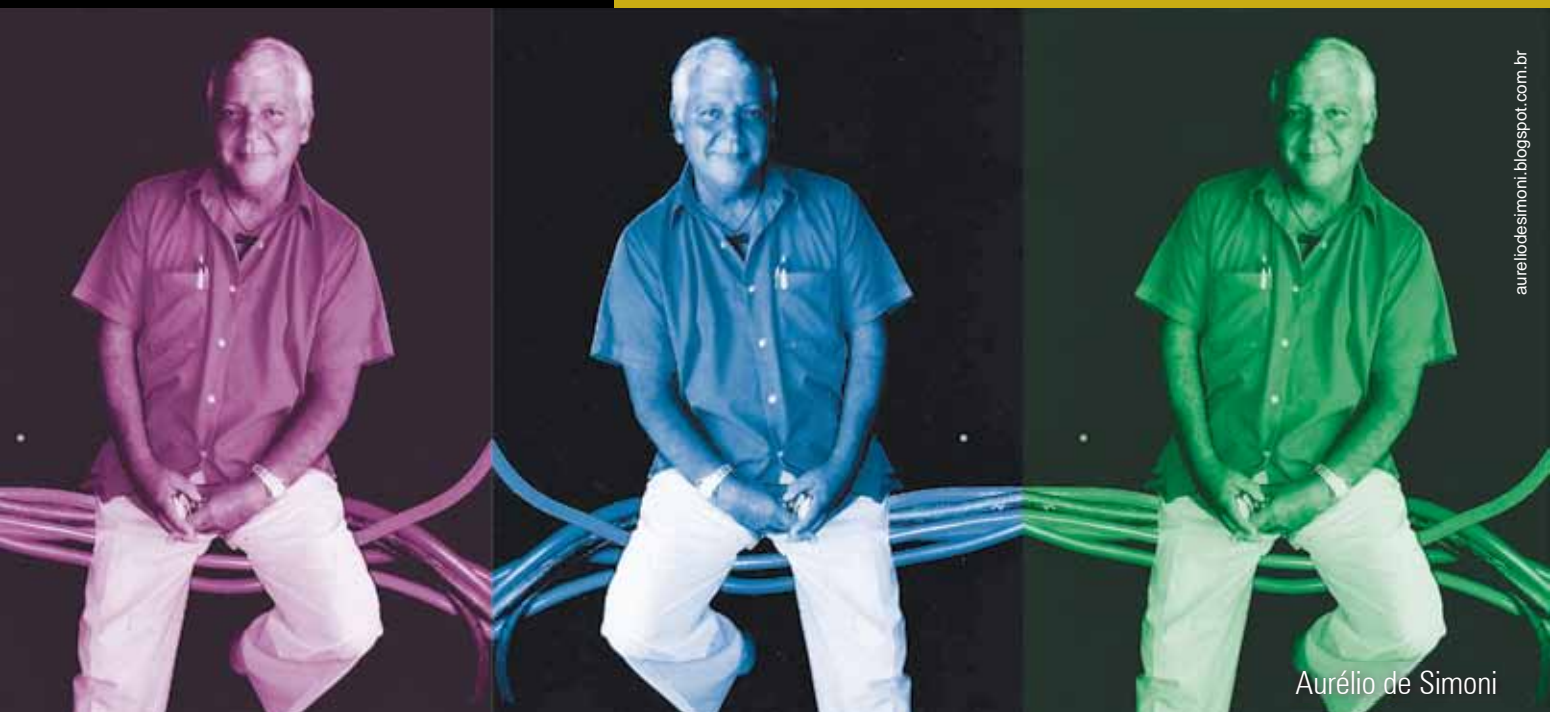
MÚSICA, LUZ E INTERATIVIDADE

Espetáculo instrumental de Hamilton de Holanda tem soluções práticas e criativas

ILUMINANDO

Aurélio de Simoni conta sua história no universo da iluminação cênica





Aurélio de Simoni

HISTÓRIA DOS PROFISSIONAIS DE ILUMINAÇÃO CÊNICA NO BRASIL

Sexto capítulo: Aurélio de Simoni (Parte 1)

“O Luís Paulo Neném é da segunda geração, formada pelo pioneiro Jorginho de Carvalho. Eu sou da terceira geração. O Neném é mais novo que eu e todo mundo pensa que eu ensinei iluminação pra ele. Mas não... Foi ele quem me ensinou.”

Há algum tempo, o iluminador carioca Aurélio de Simoni, nascido em Cascadura em 17 de julho de 1948, me recebeu em sua casa. Enquanto eu montava a câmera de vídeo, puxei o assunto sobre a formação profissional do iluminador, perguntei se todos aprendiam conceitos de eletricidade ou não; se havia escolas ou não... E ele usa os termos “primeira geração”, “segunda geração”, “terceira geração” para se referir a quem participou de forma mais direta da formação de um ou de outro. Passo-lhe a palavra.

O BANDEIRANTE

“Aqui no Rio de Janeiro o bandeirante da história foi

o Jorginho. Ele pegou o facão e abriu a picada. Ele deve ter dito “sigam-me aqueles que querem trabalhar com iluminação”. Até onde o meu conhecimento vai sobre a história, aprendi que antes os diretores dos espetáculos teatrais criavam a iluminação e os teatros tinham seus eletricitistas. Mas, com o passar do tempo, esses eletricitistas, pela prática e repetição, começaram a opinar sobre a luz do espetáculo. Havia o ensaio e o eletricitista daquele teatro se aproximava do diretor e lhe fazia sugestões sobre iluminação, e alguns diretores aceitavam. O Jorginho foi o primeiro, aqui no Rio de Janeiro, que passou a ser o responsável pela luz do espetáculo, isto é, pela criação. É responsável por coletar as informações artísticas e técnicas e apresentar uma luz ao espetáculo.

O teatro não é uma arte individual, mas uma arte coletiva por excelência. Não é exercício de individualidades. O iluminador contribui para a criação do espetáculo. O Jorginho de Carvalho foi o nosso ponto de

partida. Ele é o homem que resolveu ser o responsável pela criação de luz. Eu citaria outros que vieram depois com esse mesmo espírito de criar luz: o Luís Paulo Neném, o Roberto dos Santos, o Zé Augusto, o Ivanzinho Marques, o Marley... Enfim, era um grupo que o Jorginho reunia, era a equipe dele. Eu entrei na equipe em 1978. Mais tarde, o meio da iluminação vai conhecer outros talentos, como Paulo César Medeiros. Com o Jorginho eu aprendi o que é fazer teatro, quem é a figura do iluminador, como se conduzir num processo de criação teatral, como deve ser meu comportamento profissional. Jorginho sempre, sempre, sempre ensina o que sabe... Enquanto ele cria luz, ele ensina. Se vai montar luz, ele ensina.”

O COMEÇO

“Eu era casado com uma pessoa que estudava numa escola de teatro. Nós morávamos no subúrbio e ia buscá-la no prédio onde funcionava a Federação das Escolas de Teatro do Estado da Guanabara, na Praia do Flamengo, onde depois funcionou a UNE e mais tarde foi demolido pelos militares. Na época eu trabalhava na rede ferroviária (RFFSA), era burocrata no prédio do relógio da Central do Brasil. Quando ia buscá-la, enquanto a esperava, eu ia à biblioteca fazer pesquisas de história da arte para ajudá-la nos trabalhos que eram solicitados aos alunos. Uma vez foi proibida a entrada na biblioteca de pessoas que não eram alunos. Procurei o Pernambuco de Oliveira, que era o decano na escola. Eu me lembro que entrei na sala dele, e ele, por cima dos óculos, disse ‘pois não’. Eu respondi ‘sou o marido de uma de suas alunas e fui proibido agora de entrar na biblioteca e ela tem um trabalho de história da arte para fazer...’. Ele me interrompeu e disse ‘eu lhe conheço, você é mais assíduo do que muitos alunos dessa escola.’ Então ele puxou um papel, autorizou a minha presença lá e eu continuei fazendo as pesquisas para ajudá-la. Isso foi por volta de 1975, 76.

Nessa mesma época ela foi chamada para estreiar como atriz em um espetáculo infantil chamado ‘Ambrósio, o boneco’, no Teatro Cacilda Becker. Ela era o Ambrósio, o boneco. Ela reproduzia o rosto do Carlitos, com uma maquiagem, o rosto todo branco, bidoginho e chapéu. No dia da estreia havia um certo rebuliço, e eu perguntei se eles estavam precisando de ajuda. O diretor e o produtor estavam tirando as coisas da kombi em frente ao teatro, e eu fui ajudar. A estreia foi ótima. No dia

seguinte eu perguntei ao Marcelo, meu filho, que tinha quatro anos, o que ele queria fazer, e ele respondeu que queria ir ao teatro, e na semana seguinte de novo e pronto: de tanto levá-lo e oferecer ajuda, me tornei o contra-regra da peça. Três semanas depois, o José Roberto Mendes, diretor do espetáculo, operava a luz e o som. Olha, eu não estou falando de 1920. Estávamos em 1976. O teatro Cacilda Becker não tinha mesa de luz. Operar a luz era ligar e desligar chaves monofásicas. Para efeitos de cores o recurso era o papel celofane azul, celofane rosa, amarelo... E combinava o rosa com amarelo para chegar no âmbar (risos).

MAIS FUNÇÕES E A PRIMEIRA MONTAGEM DE LUZ

Então, o José Roberto Mendes precisou viajar para atuar juntamente com Maria Pompeu. Assim, passei a ser o contra-regra, o operador de som e o operador de luz do espetáculo. Eu trabalhava de segunda a sexta na rede ferroviária, e aos sábados e domingos dentro do teatro. No ano seguinte, 1977, o espetáculo foi remontado no SESC da Tijuca, e o José Roberto Mendes perguntou se eu podia dar aquela força para a equipe. Eu topei. Meu filho Marcelo adorou, pois podia brincar noutra teatro (risos). Hoje ele tem 37 anos e é meu assistente: Marcelo Molinari de Simoni. E, minha filha, Ana Luzia Molinari de Simoni, com 24 anos, é responsável pela luz do Teatro Poeira, em Botafogo.

O teatro do SESC, na Tijuca, tinha um funcionário, conhecido pelo apelido de Jacaré, contratado para operar a luz dos espetáculos realizados lá. O Aurélio era o operador de luz da remontagem de ‘Ambrósio, o boneco’, e o Jacaré operava a luz do espetáculo seguinte, uma peça do Zivaldo, o “Flicts”. Uma das atrizes dessa última peça teve um problema e não podia continuar. A atriz de “Ambrósio, o boneco”, com quem Aurélio era casado, é convidada para fazer o papel. Ao ver que Aurélio permanecia no teatro, o Jacaré (que também era funcionário da TVE) perguntou se o Aurélio poderia operar a luz do segundo espetáculo, porque iria ali rapidinho na TV e voltava logo.

Mas o Jacaré nunca voltava logo (risos). Chegava quase sempre no final da peça. Na prática, eu era o operador de luz dos dois espetáculos, um após o outro. Lá para outubro ou novembro daquele ano (1977), no final da temporada, o Jacaré e o administrador do teatro se desentenderam e o Jacaré foi embora. Em

“Eu não estou falando de 1920. Estávamos em 1976. O teatro Cacilda Becker não tinha mesa de luz. Operar a luz era ligar e desligar chaves monofásicas. Para efeitos de cores o recurso era o papel celofane azul, celofane rosa, amarelo... E combinava o rosa com amarelo para chegar no âmbar.”

janeiro de 1978 estrearia um espetáculo e o SESC não tinha mais um operador de luz. O administrador, Mauro, que me viu ali muitas vezes, chegou pra mim e disse: 'Aurélio, você não quer ser o operador de luz do teatro?'. Eu disse que tinha meu emprego, das 9h às 18h, na RFFSA. Mas ele me convenceu de que dava para conciliar porque os espetáculos adultos começavam às 21h. Ou seja, em janeiro de 1978 eu era oficialmente o operador de luz do SESC, para operar a luz de todos os espetáculos. Eram seis refletores de mil e trinta refletores de quinhentos. Dos seis de mil, três eram para a geral branca, três para a geral âmbar, ninguém mexia naquilo. Já era padrão, sempre funcionava assim, já estavam afinados (risos). Nessa condição, a primeira peça em que montei a luz foi 'Se chovesse vocês, estragavam todos', com Tião d'Ávila e Priscila Camargo, e iluminação de Luís Paulo Peixoto (o Luís Paulo Neném)".

Aurélio nos conta que até então ele se via como o marido da atriz que estava no teatro "dando uma força". "Eu me lembro do Luís Paulo Neném chegando lá e dizendo que tinha que descer os refletores, porque tinha que fazer isso e aquilo, e eu dizia que estava tudo funcionando (risos), e ele disse 'não, não... tem que limpar, tem a posição das lentes'. Eram lâmpadas de rosca e se o filamento não estivesse bem colocado, ou seja, paralelo à lente, perdia-se a luminosidade, perdia-se o rendimento. Ali comecei a pensar... 'uhmm... é assim que se faz luz'. Isso foi em janeiro de 1978. Em maio ou junho daquele ano foi pra lá um infantil, 'O mistério das nove luas', com direção de Ilo Krugli. Um dos atores veio me passar a luz, porque o iluminador do espetáculo não podia estar lá. O ator conhecia toda a luz e veio passar a operação pra mim. Eu perguntei o nome do iluminador e ele disse: Jorginho de Carvalho. Eu comecei a olhar aquela luz e aprendi que a luz tem uma função dentro do espetáculo. Eu fiquei tão entusiasmado que cheguei pro Ilo e falei 'pô, Ilo, na hora da coroação da onça a gente podia criar um efeito... e o Ilo me autorizou. Hoje eu até me pego rindo contando esta história, porque é horrível você se meter na luz dos outros.

"Aurélio, você não quer ser o operador de luz do teatro?' Eu disse que tinha meu emprego, das 9h às 18h, na RFFSA. Mas ele me convenceu de que dava para conciliar porque os espetáculos adultos começavam às 21h."

O ENCONTRO E A CARREIRA

Em agosto chegaram dois espetáculos ao SESC: 'As quatro patas do poder', com direção de Clóvis Levi e iluminação de Jorginho de Carvalho, e o infantil 'O leiteiro e a menina à noite', com direção e iluminação de Jorginho de Carvalho. Eu disse pra mim mesmo que iria conhecer o cara. Quando cheguei do meu emprego, tinha um cara assim meio cabeludo e me disseram: 'aquele ali é o Jorginho de Carvalho'. Eu fui até ele e disse 'oi, Jorginho! Meu nome é Aurélio e sou o responsável pela luz do teatro. Ele disse 'eu já ouvi falar de você... o Ilo me disse que você fez um efeito na coroação da onça'. Levantei a sobancelha e prendi a respiração (risos). E ele disse 'eu soube que funcionou' (risos). Uma coisa contra a qual, mais tarde, briguei muito, e orientei nas minhas oficinas a se evitar, foi interferir no trabalho de um iluminador.

A partir de agosto de 1978 eu saía da rede ferroviária às 18h, ia para o SESC operar luz, depois ia virar a noite com o Jorginho, chegava na rede ferroviária às 9h da manhã, direto, sem dormir, Meu chefe tinha três horas de almoço, e eu pegava cinco almofadas. A secretária, que era minha amiga, me dizia 'ele saiu', eu fechava a porta, dormia três horas, e de repente alguém batia na porta. Era ela, pra me avisar que ele havia regressado. Eu arrumava as almofadas, corria para o banheiro e ficava lá com água no rosto até desinchar e voltar pra trabalhar. Foi assim durante três anos, até que fui embora da rede ferroviária. Estava decidido: eu iria trabalhar no teatro." •



Farley Derze é professor do Instituto de Pós-Graduação (IPOG), diretor de Gestão e Pesquisa da empresa Jamile Tormann Iluminação Cênica e Arquitetural, membro do comitê científico do Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica da UnB. Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela UnB. E-mail: diretoria@jamilertormann.com.